

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XVI



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1977

O TESOURO DE DENARII DO ALTO DO CORGO

(CONCELHO DE VALENÇA)

O tesouro do Alto do Corgo (freguesia de S. Miguel de Fontoura, concelho de Valença, distrito de Viana do Castelo) não é inteiramente desconhecido na bibliografia numismática portuguesa. Alguns pormenores deste achado — localização, recipiente em que se encontrava (vaso de ferro?) número aproximado e época dos numismas — são revelados numa notícia publicada por M. de Castro Hispólito no seu inventário dos tesouros romanos aparecidos em Portugal (*).

Entre as diversas referências a achados monetários que figuram em *O Minho Pittoresco* (2), encontra-se uma que fornece elementos importantes sobre o tesouro do Alto do Corgo. Escreve José Augusto Vieira que «no lugar do Grove, sítio do Corgo, existe igualmente um monte arredondado, com fosso para o lado da estrada velha de Coura, onde têm sido encontrados fragmentos de louça grossa e outros objectos estranhos aos usos do nosso tempo. E em Janeiro de 1884 o pedreiro Manuel Pontes, encontrou neste sítio umas 37 moedas de prata [...]»(3). Mais adiante (4), são descritos e ilustrados sete *denarii* do tesouro o que nos permitiu a sua perfeita identificação e datação.

(*) M. DE CASTRO HIPÓLITO, «DOS tesouros de moedas romanas em Portugal», *Conimbriga*, II-III, 1960-61 (= HIPÓLITO), n.º 1.

(2) JOSÉ AUGUSTO VIEIRA, *O Minho Pittoresco*, 2 tomos, Lisboa, 1886.

(3) J. A. VIEIRA, *op. cit.*, tomo I, p. 111. A grafia desta passagem foi actualizada.

(4) *Ibidem*, p. 116-117.

Esta referência de José Augusto Vieira, além de precisar a notícia publicada por Castro Hipólito (p. ex., data do achado, número de moedas, nome do achador), transmite novas informações de grande importância que, por um lado, possibilitam o conhecimento de parte (sete moedas) do conjunto monetário e, por outro, sugerem que o achado se verificou num povoado, certamente, um castro («monte arredondado, com fosso [...] onde têm sido encontrados fragmentos de louça grossa e outros objectos»).

Os sete numismas conhecidos deste tesouro (quadro *denarii* republicanos e três de Augustus) situam-se cronologicamente ⁽⁵⁾ entre 109 ou 108 a.C. e 2 a.C., *circa* 4 d.C., distribuindo-se pelos seguintes ateliers :

- moedas republicanas: Roma (3 ex.)
Sicília (1 ex.)
- moedas imperiais: Colonia Patricia (1 ex.)
Lugdunum (2 ex.).

0 *denarius* de Colonia Patricia ⁽⁶⁾ apresenta no anverso a seguinte marca de punção:



A data do ocultamento do conjunto monetário do Alto do Corgo é difícil de estabelecer, uma vez que conhecemos apenas uma pequena parte (18,90%) do total das moedas. Tendo em atenção a peça mais recente do lote estudado ⁽⁷⁾, podemos, todavia, sugerir que a ocultação do achado se verificou no tempo de Augustus, mais precisamente em data posterior a 2 a.C.-c. 4 d.C.. Aliás,

⁽⁵⁾ Para a datação do numerário seguimos as obras de referência indicadas no catálogo. Contudo, procedemos a uma afinação da cronologia dos *denarii* imperiais, utilizando os trabalhos que se seguem: H. MATTINGLY, *Coins of the Roman Empire in the British Museum, vol. I: Augustus to Vitellius*, Londres, 1923 (reimpr. 1976); A. S. ROBERTSON, *Roman imperial coins in the Hunter Coin Cabinet, University of Glasgow, vol. I: Augustus to Nerva*, Londres, 1962; C. H. V. SUTHERLAND e C. M. KRAAY, *Catalogue of coins of the Roman Empire in the Ashmolean Museum, part I: Augustus* (c. 31 B. C.-A. D. 14), Oxford, 1975.

⁽⁶⁾ Catálogo, n.º 5.

⁽⁷⁾ Catálogo, n.º 7.

como se pode ver no quadro que apresentamos mais abaixo, existem na Península Ibérica outros tesouros augústeos com uma cronologia semelhante, o que nos leva a pensar que a datação proposta, apesar de insegura, não é forçada.

No capítulo respeitante às motivações do ocultamento do tesouro o problema é também muito delicado. Mas uma reflexão sobre o material do quadro seguinte, em que se apresenta uma tentativa de ordenação cronológica, por períodos, dos tesouros peninsulares da época de Augustus ⁽⁸⁾, pode fornecer-nos alguns elementos.

	Lusitânia	Bética	Tarraconense	Noroeste ⁽⁹⁾
29-14 a.C. ⁽¹⁰⁾	Herdade da Gra-lheira ¹	Cortijo del Álamo ²	Tricio ³	Monte Mozinho ⁴ Citânia de San-fins ⁵ Sobre Sá ⁶ Ramallás ⁷
14-2 a.C.	Barroca do An-tero ⁸ Fraga da Safri-nha ¹⁰ Abertura ¹¹			Junqueira ⁹
2 a.C.-14 d.C.	Alcobaça ¹²		Albacete ¹³	Vales ¹⁴ S. Priz ¹⁵ Alto do Corgo ¹⁶ Cálogo ¹⁷
27 a.C.-14 d.C.	Carregal ¹⁸		Lérida ¹⁹ Termancia ²⁰	

⁽⁸⁾ Esta relação de tesouros não tem a pretensão de ser exaustiva. O seu carácter provisório é sobretudo válido para o território espanhol onde, exceptuando a Galiza, a inventariação dos tesouros romanos se encontra mais atrasada.

Note-se que não incluímos no quadro o tesouro de Tourém, concelho de Montalegre (HIPÓLITO, n.º 22) uma vez que temos conhecimento de dois

1. Cone, de Mértola, distr. de Beja. HIPÓLITO, n.º 128; M. H. CRAWFORD, *Roman republican coin hoards*, Londres, 1969 (= *Coin hoards*), n.º 469.
2. Prov. de Jaén. M. LÓPEZ SERRANO, «Tesorillo de denarios romanos del Cortijo del Álamo (Jaén)», *Numario Hispánico*, VII, 13, 1956, p. 25-47; *Coin hoards*, n.º 464.
3. Prov. de Logroño. *Coin hoards*, n.º 483.
4. Cone, de Penafiel, distr. do Porto. R. M. S. CENTENO, *Moedas romanas no Museu de Antropologia «Dr. Mendes Correa» (Porto)*, I. *Época republicana* (em impressão).
5. Cone. de Paços de Ferreira, distr. do Porto. A. DO PAÇO «Tesouro monetário da Citânia de Sanfins», *Anais da Academia Portuguesa da Historia*, II série, 6, 1955, p. 189-275; HIPÓLITO, n.º 50; *Coin hoards*, n.º 463.
6. Cone, de Santo Tirso, distr. do Porto. Este tesouro, aparecido em 1971, encontra-se ainda inédito. A datação que propomos fundamenta-se em informações do Dr. Carlos Alberto Ferreira de Almeida que observou um lote considerável de moedas e em alguns *denarii* que possuímos sendo o mais recente (RIC 23) de 25-23 a.C..
7. Prov. de Zamora. H. MATTINGLY, «A hoard of Roman denarii from Spain (Ramallás)», *The Numismatic Chronicle*, 5.ª série, XV, 1935, p. 289-291; *Coin hoards*, n.º 484.

denarii do achado — um de Nerva (RIG 25) e outro de Traianus (RIG 272) — pertencentes ao P.º A. Lourenço Fontes, de Vilar de Perdizes (conc. de Montalegre), que fazem baixar a sua cronologia para o primeiro quartel do séc. ii da nossa era.

(9) A divisão geográfica adoptada tem como finalidade tornar o quadro mais elucidativo, porque, além de termos individualizado o Noroeste peninsular da Tarraconense, a divisão da Hispânia em três províncias é posterior ao nosso período I. Sobre este assunto veja-se, J. DE ALARCÃO, *Portugal romano* (Gol. «Historia-Mundi», n.º 33), Lisboa, 1973, p. 49-50.

(10) A escolha do ano 29 a.C. para o início do período I justifica-se pelo facto desta data marcar o começo das chamadas guerras cantábricas. Parece-nos, assim, conseguir uma maior homogeneidade neste período, nomeadamente para o Noroeste. Para os aspectos cronológicos das guerras cantábricas veja-se, R. SYME, «The conquest of North-West Spain», *Legio VII Gemina*, Leão, 1970, p. 79-107.

8. Penamacor, distr. de Castelo Branco. **HIPÓLITO**, n.º 92, *Coin hoards*, n.º 502.
9. Cone, de Moncorvo, distr. de Bragança. **HIPÓLITO**, n.º 46.
10. Cone, de Oliveira do Hospital, distr. de Coimbra. **HIPÓLITO**, n.º 83.
11. Prov. de Cáceres. J. RAMÓN y FERNANDEZ, «De numismática extremeña», *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, XV, 45-50, Valladolid, 1949, p. 79-88; *Coin hoards*, n.º 496.
12. Distr. de Leiria. F. MATEU y LLOPIS, «Hallazgos monetarios (V)», *Ampurias*, IX-X, 1947-1948, p. 78-79, n.º 274.
13. Prov. de Albacete. L. VILLARONGA, «Tesorillo de Albacete del año 1906», *Ampurias*, 33-34, 1971-72, p. 305-320.
14. Cone. de Vila Pouca de Aguiar, distr. de Vila Real. **HIPÓLITO**, n.º 31.
15. Conc. de Ponte da Barca, distr. de Viana do Castelo. **HIPÓLITO**, n.º 5.
16. Conc. de Valença, distr. de Viana do Castelo.
17. Prov. de Pontevedra. J. FILGUEIRA VALVERDE e A. GARCÍA ALEN, «Materiales para la carta arqueológica de la provincia de Pontevedra», *El Museo de Pontevedra*, VIII, 1954-1956, p. 179.
18. Conc. de Penamacor, distr. de Castelo Branco. **HIPÓLITO**, n.º 91.
19. Prov. de Lérida. F. MATEU y LLOPIS, «Hallazgos monetarios (XI)», *Numario Hispánico*, III, 6, 1954, p. 252, n.º 725.
20. Prov. de Soria. F. MATEU y LLOPIS, «Hallazgos monetarios (XXII)», *Numisma*, XXII, 1972, p. 147, n.º 1483.

A quantidade de tesouros augústeos aparecidos na Hispania é considerável ^(u), coisa que não é normal noutras regiões do

^(u) Note-se que para o Oeste peninsular são conhecidos apenas 25 tesouros dos séculos I e II, exceptuando Augustus (cf. I. PEREIRA, J.-P. BOST e J. HIERNARD, *Fouilles de Conimbriga, III. Les monnaies*, Paris, 1974, p. 222-223), enquanto para um período cerca de quatro vezes menor, a mesma área (Noroeste e Lusitânia) fornece 15 conjuntos monetários.

Império Romano ⁽¹²⁾. Este elevado número de achados deve ser o reflexo, nomeadamente no caso do Noroeste, dum clima de insegurança social que se viveu na Península, provocado pelas campanhas militares romanas contra os Cántabros e os Ástures.

Como é sabido, a guerra foi um dos principais factores do entesouramento na Antiguidade ⁽¹³⁾. Apesar de tudo, procurar-se uma justificação exclusivamente militar para todos os conjuntos monetários augústeos da Lusitânia, da Bética e da Tarraconense será, com certeza, uma deturpação da realidade. Sem negar que alguns dos tesouros tivessem sido motivados pelas campanhas do Noroeste parece, contudo, de admitir que a maioria resultou da necessidade que mesmo em tempos de paz havia de cada um proteger as suas economias ⁽¹⁴⁾.

O entesouramento no Noroeste peninsular tem que ser encarado de modo diferente, uma vez que esta região foi o palco das guerras cantábricas decorridas entre 29 e 19 a.C.. Durante o governo de Augustus só se documentam novas rebeliões em 16 a.C. ⁽¹⁵⁾. Todavia, a paz nunca deve ter sido total, o que teria justificado, em parte, a presença dum forte dispositivo militar na área, até Vespasianus ⁽¹⁶⁾. Vivia-se, portanto, num ambiente propício ao entesouramento que nos é confirmado pelo elevado número de conjuntos monetários detectados no Noroeste. Em

⁽¹²⁾ Tenha-se em atenção o caso da Gália onde os tesouros augústeos são pouco frequentes, facto que é atribuído à calma que o território então gozou. Veja-se, M. THIRION, *Les trésors monétaires gaulois et romains trouvés en Belgique* (Cercie d'Études Numismatiques, Travaux 3), Bruxelas, 1967, p. 15; A. BLANCHET, *Les trésors de monnaies romaines et les invasions germaniques en Gaule*, Paris, 1900 (reimpr. 1975), p. 53.

⁽¹³⁾ Os tesouros peninsulares, durante o período republicano, estão normalmente ligados a operações militares. Cf. A. M. DE GUADAN, *Numismática ibérica e ibero-romana* (Biblioteca Archaeologica, VI), Madrid, 1969, p. 29-35.

⁽¹⁴⁾ Hipótese semelhante é posta por L. VILLARONGA, «Tesorillo de Albacete del año 1906», *Ampurias*, 33-34, 1971-72, p. 320.

⁽¹⁵⁾ A. SCHULTEN, *Los cántabros y astures y su guerra con Roma* (Colección Austral, n.º 1329), Madrid, 1962, p. 190.

⁽¹⁶⁾ É evidente que este elevado número de tropas tinha como principal finalidade a protecção das regiões mineiras. Sobre os contingentes militares instalados no Noroeste veja-se, R. F. JONES, «The Roman military occupation of North-West Spain», *The Journal of Roman Studies*, LXVI, 1976, p. 45-66.

nossa opinião os tesouros do período I (29-14 a.C.) devem estar relacionados com as campanhas militares efectuadas na região. Por outro lado, os tesouros monetários dos períodos II e III, incluindo-se neste último o achado do Alto do Corgo, terão sido motivados pelo clima de insegurança que continuou a verificar-se. Assinalemos finalmente que a quantidade considerável de conjuntos monetários encontrados no Noroeste, atesta uma penetração em massa do numerário romano, contrastando fortemente com o panorama do período anterior a 29 a.C., para o qual não conhecemos algum tesouro datado com segurança ⁽¹⁷⁾.

Rui M. S. CENTENO

⁽¹⁷⁾ Este assunto é por nós tratado em *Moedas romanas no Museu de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa* (Porto), I. Época republicana* (em impressão).

N.º	Anverso	Reverso	Referências
L. MEMIUS — Roma, 109 ou 108 a.C.	1 Cabeça de um jovem (Apolo?) com coroa de carvalho; em frente, * . Orla de pontos.	<i>Dioscuri</i> em pé e de frente entre os seus cavaleiros, segurando, cada um, a lança; no exergo, L-MEMMI. Orla de pontos.	RRC 304/1
L. AURELIUS COTTA — Roma, 105 a.C.	2 Busto de Vulcano adornado, com o barrete ladeado e com a tenaz sobre o ombro; atrás, * ; em volta, uma coroa. Orla de pontos.	Águia no raio à direita; em baixo, [L.COT; à direita, marca de controlo, B. Orla de pontos.	RRC 314/1c
C. MAMILIUS LIMETANUS — Roma, 82 a.C.	3 Busto de Mercúrio adornado e com caduceu sobre o ombro; atrás, marca de controlo, (?). Orla de pontos.	Ulisses em pé à direita, segurando o bastão na mão esquerda e estendendo a mão direita para o cão, Argos; à esquerda, C.MAMIL ↓ ; à direita, LIMETAN ↑ . Orla de pontos.	RRC 362/1
SEX. POMPEIUS MAGNUS PIUS — Sicília, 42-40 a.C.	4 Cabeça de Cn. Pompeius Magnus; atrás, jarro; em frente, <i>lituus</i> ; em volta, MAG·PIVS·IMP·ITER· Orla de pontos.	Neptuno em pé à esquerda, diademado, segurando o <i>aplustre</i> na mão direita e o manto sobre o braço esquerdo; apoiando o pé direito na proa; em cada lado, um dos irmãos da Catânia, transportando seu pai aos ombros; em cima, PRAEF; no exergo, CLAS·ET·ORAE / MARIT·EX·S·C. Orla de pontos.	RRC 511/3a

AUGUSTUS (27 a.C.-14 d.C.)

Colonia Patricia (?), 19-16 a.C.

5	Cabeça descoberta de Augustus; atrás, CAESAR ↓ ; em frente, AVGVSTVS ↑ ; marca de punção na cara. Orla de pontos.	Coroa de carvalho; em cima, OB CIVIS; em baixo, SERVATOS. Orla de pontos.	RIC 289
---	---	---	---------

Lugdunum

14-12 ou 11-9 a.C.

6	Cabeça descoberta de Augustus; atrás, AVGVSTVSI; em frente, DIVIF ↑ .	Touro investindo à direita; no exergo, IMP[x ou xii]. Orla em linha.	RIC 327 ou 334
---	---	---	----------------

2 a.C.-c. 4 d.C.

7	Cabeça laureada de Augustus; em volta, CAESAR AVGVSTVS-DIVI F PATER PATRIAE.Orla de pontos.	Caus e Lucius em pé e de frente, segurando cada um a lança e o escudo; em cima, <i>lituus</i> à esquerda e <i>simpulum</i> à direita; em volta, C.L. CAESARES AVGVSTI F COS DESIG PRINC IVVENT.Orla de pontos.	RIC 350
---	---	--	---------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RIC H. MATTINGLY e E. A. SYDENHAM, *The Roman imperial coinage*, vol. I: *Augustus to Vitellius*, Londres, 1923 (reimpr. 1972).

RRC M. H. CRAWFORD, *Roman republican coinage*, 2 vols., Cambridge, 1974.

N. B. — As efígies do anverso estão voltadas à direita.
— As moedas n.ºs 2 e 3 são *denarii serrati*.